

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO  
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

**Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009**

**O AVESSE E O DIREITO DA PALAVRA: INJUNÇÕES E DISJUNÇÕES NA  
DISCURSIVIZAÇÃO DE COMUNIDADE NO TEMPO PRESENTE**

Rejane Arce Vargas

[rejanearce@hotmail.com](mailto:rejanearce@hotmail.com)

Doutoranda em Letras/Estudos Linguísticos<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

[Laboratório Corpus](#) (UFSM-PPGL)

Neste texto, debruçamo-nos nos postulados de Michel Pêcheux no que estes medeiam uma prática de leitura fundamentada no ‘princípio da dupla diferença’ (*Análise automática do discurso*, 1995), em que ‘avesso e direito’ mantêm vínculos indelévels, na medida em que o que é dito em um dado discurso faz ressoar o sintoma de que algo que ficou por dizer permanece latente. Somos convocados, dessa forma, ao desafio de uma ‘leitura-trituração’ (Id., *Ouverture du colloque*, 1981), de nos colocarmos frente aos objetos discursivos com a decisão de ‘nada saber sobre o que está sendo dito’ (*un parti pris pour l’imbécilité*) a fim de que permaneçamos como estrangeiros em uma incursão que visa a destituir a materialidade dos sentidos que *a priori* advém sobre ela.

Expor a materialidade linguística em sua sistematicidade à opacidade implica trazermos à tona um processo em que língua, história e sujeito são indissociáveis e, ao ser aceita essa tríade fundante, passa-se a considerá-la como contradição necessária à tarefa de interpretação via uma teoria materialista do sentido, tensionada pela urgência de ‘ousar pensar por si mesmo’ como Pêcheux advertira.

Os limites entre o que é próprio da língua e o que é extralinguístico ficam em suspenso, tensão subjacente à produção de sentidos que a AD enfrenta. A língua, assim compreendida, comporta a falha e pontos de impossível, bem como o discurso, o equívoco. Daí emerge o devir que constitui a prática

---

<sup>1</sup> Projeto de tese em desenvolvimento intitulado **Língua em tempos de fluidez** (reg. GAP/UFSM nº 023164/2008), desenvolvido sob orientação da prof.<sup>a</sup> Dr. Amanda Eloina Scherer (UFSM/PPGL/Laboratório Corpus).

analítica, além do desafio cotidiano face aos dispositivos de linguagem contemporâneos e novas demandas por metaforização. Assim, encarados nem língua, nem discurso como fechados, mas em seu imbricamento, fica a tarefa do analista de ‘recortar, extrair, destacar, aproximar’ sentidos, tendo em conta o processo de produção material destes na sociedade, uma história tecida no tempo presente e atravessada por determinações históricas de outro(s) lugar(es) que fazem ecoar sentidos, configurando a inscrição da língua na história, sua historicização/discursivização.

Alicerçando-nos nesses preceitos, propomos uma reflexão cujo ponto fulcral é a análise da discursivização da palavra ‘comunidade’ que, ampla e controversamente, tem se prestado para designar toda e qualquer coisa de caráter aparentemente gregário, na atualidade. Sob essa perspectiva, coletamos “flagrantes”, lembretes, excertos, fragmentos da narratividade urbana constituída dessa dispersão (cf. Orlandi, *Cidade Atravessada*, 2001). O principal deles é o enunciado: **agora a moda não é mais favela... é comunidade**, recortado de comentário acerca da nova política habitacional implementada no País, veiculado na mídia radiofônica.

Nosso objetivo é o de complexificar textualidades onde comunidade figure a fim de compreendermos a historicização do nome e o processo de designação. Para tanto, analisamos o enunciado supracitado, além de vídeo em que ‘comunidade’ aparece de modo emblemático para os propósitos do estudo.

Nossa hipótese de trabalho tem sido a de que, mediante jogo entretecido na base linguística, ocorre uma injunção de interpretação articulada por um nome saturado de sentidos em diferentes domínios de memória (tudo é comunidade), porém, daí também emerge uma disjunção, quando este designa uma divisão entre aqueles que estão significados pelo discurso da mundialização e entre aqueles que, não estando, poderiam ser designados como ‘pertencentes’ a uma ‘comunidade’, uma vez que este lugar simbólico é senão um lugar imaginado, um vácuo para onde é empurrado tudo o que excede na sociedade.

Acreditamos que as textualidades em circulação reclamam olhares que levem em conta os diferentes dispositivos em que um nome vai se historicizando e tecendo divisões, sublinhando o caráter fundamental da produção material de sentidos que circunscreve lugares simbólicos para sujeitos, emoldura cidades e narratividades urbanas, ditando formas de vida, inexoravelmente via linguagem.

Peter Pál Pelbart (*Vida Capital*, 2003), ao abordar a questão da comunidade, destaca ponto que vem sendo enfatizado por vários filósofos no tocante ao tema, isto é, o de que estaríamos vivendo uma crise do comum, dos laços sociais. Para o autor, a comunidade enquanto crise do que é comum, é “o compartilhamento de uma separação dada pela singularidade” (Ibid., p. 33).

Ao nos associarmos à ideia de Pelbart, remontamos aqui o pensamento de Rancière (*Desentendimento*, 1996), para quem a política demanda um desentendimento acerca do que é comum,

da partilha do real. Quando a organização da sociedade e distribuição das parcelas é questionada, instaura-se o litígio acerca do comum, a corrente é detida.

Vale dizer que os conceitos/nomes enquanto construções do nosso tempo intervêm em nossa vida e carregam, sobretudo, efeitos linguístico-discursivos materiais.

Para desenvolvermos nossa reflexão, temos nos baseado em alguns dos recentes trabalhos de Orlandi (2005, 2006, 2007), nos quais a constituição do sujeito contemporâneo vem sendo problematizada e, não raro, em meio a isso, insurge-se a discursivização de ‘comunidade’, notadamente, na seguinte formulação:

A partir justamente desse discurso todo da mundialização... essa efusão, eu diria, da noção de comunidade que se espraia de uma vez por todas, recobrando praticamente quase tudo e quase fazendo esquecer a noção de sociedade, tudo é comunidade, (...) então, essa designação que passa a ser indiferenciada, no entanto, ... ela está silenciando várias coisas que estão aí, (...) A gente pode aprofundar essas questões e pôr em questão justamente o que recobre a noção de comunidade hoje, (...) procurar ver o que você está falando quando está falando comunidade, em que formação discursiva você está se inscrevendo e que resultados isso tem para pensar a sociedade como ela está hoje porque eu acho que a importância é pensar hoje... (ORLANDI, 2007)<sup>2</sup>.

Em face disso, importa salientar, que a AD enquanto disciplina que tem como objeto o discurso

coloca como base a noção de *materialidade*, seja linguística, seja histórica, fazendo aparecer uma outra noção de ideologia, possível de explicitação a partir da noção mesma de discurso e que não separa linguagem e sociedade na história (ORLANDI, *Interpretação*, 2004, p. 25, grifo da autora)

É, portanto, tendo em conta essa relação em que avesso e direito da palavra/discurso são indissociáveis que tomamos as materialidades linguístico-discursivas de que ora nos ocupamos em analisar brevemente.

## CORPUS

Para construção do corpus, baseamo-nos no procedimento metodológico de ‘montagem de textos’ (Orlandi, *A noção de “povo” que se constitui em diferentes discursividades*, 2006). A proposta é, portanto, pensar a palavra enquanto unidade de análise em diferentes materialidades, pautando-nos sobretudo no ‘conjunto de determinações’ (Guimarães, *Domínio Semântico de Determinação*, 2007) dessa palavra, isto é, seu processo de designação, no qual intervêm língua, história, ideologia, uma vez compreendido que “dizer qual é o sentido de uma palavra é poder estabelecer eu DSD”, pois “o DSD de um nome... é o que o nome designa” (Ibid., p. 82).

<sup>2</sup> Transcrição de comentário de Eni P. Orlandi com referência à conferência “Políticas Públicas e Linguagem”, proferida por Carolina Alcalá no V Encontro Saber Urbano e Linguagem, Labeurb/Unicamp. Vídeo disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/videos/verVideo.lab?id=18>

Vale dizer que Guimarães (Ibid.) considera que as relações de determinação não se estabelecem somente no interior de enunciados, mas em unidades maiores compreendidas como textos.

O que estamos propondo é uma montagem de textos – tecitura de relações entre diferentes textualidades concebidas sob um domínio de memória que põe em movimento a questão da ‘partilha do real’ -, seja lida segundo o DSD que estabelece em torno de comunidade.

Entendemos o DSD como categoria analítica capaz de explicitar o processo de produção do sentido de uma palavra, seja em um texto, seja em um conjunto de textos, o que nos leva a compreender a discursividade do nome/designação, sua inscrição na história, sem prescindir de sua inscrição na língua.

Leva-se em conta, portanto, na constituição do DSD:

**Nome – processo de reescrituração = operação de predicação por repetição, substituição, eclipse, expansão, condensação e definição.**

Seguem-se os textos em que procuramos traçar um DSD para ‘comunidade’:

**Texto A - Boletim do Corresponde de Brasília – Rádio Guaíba/RS (Grupo Record de Comunicação) – 26 de março de 2009<sup>3</sup>.**

**FM** -...mas Dal Pizol muitas coisas que interessam o nosso ouvinte em relação a esse pacote do governo. Haverá dois tipo de moradia... esse pacote de 1 milhão de moradias, vai ter casas térreas com 35m<sup>2</sup> e apartamentos de 42m<sup>2</sup>, ambos terão sala, cozinha, banheiro, dois dormitórios e área de serviço, os prédios terão de 04 ou 05 pavimentos, com 04 unidades por andar. Aqui em Brasília é interessante que **eles fizeram, reformaram, revitalizaram uma comunidade... AGORA A MODA NÃO É MAIS FAVELA**, viu **Silvia**, **É COMUNIDADE**, então reformaram, revitalizaram a **comunidade** e o que está acontecendo é o seguinte, os moradores ... há pouco tempo **o governo do DF doou mais de 500 apartamentos, quase 400 os donos já não são os mesmos** **Silvia**, já venderam, **essas pessoas** já passaram seus apartamentos para outras pessoas, então é difícil isso né, Dal Pizol e **Silvia**.

**S** - É, a **fiscalização** que tem que ter nessa aérea, principalmente agora com esse pacote do governo federal da área habitacional, tem que reforçar porque passa adiante né, vende a chave, como **popularmente** é conhecido.

**FM** - É a mesma coisa com o **MST** que ocorre, e daqui a pouco o **MST** está ligando, mas se tu pegares, **todas as pessoas ou muitas já passaram a sua terra pra diante**, pra frente, fazem aqueles contratos de gaveta e pronto. Lá principalmente na Amazônia está acontecendo muito isso, mas é interessante **Silvia** que **o pacote de habitação do governo, 34 bilhões de reais, ele ainda é cinco vezes menor que o reajuste dos servidores públicos**, o governo, até 2012, o governo fez uma série de reajustes que terão reflexo até 2012, então pro nosso ouvinte ter uma ideia, esse ano o governo em reajustes vai gastar 11 bilhões de reais; em 2009, 29 bilhões de reais [sic]; em 2010, 40 bilhões de reais; em 2011, 47 bilhões de reais; 2012, 47 bilhões de reais; e o **PT** sempre foi né **corporativista** e vinculado aos **movimentos de funcionários públicos**, é **indiscutível**, mas o governo lança um pacote de 34 bi, mas apresenta também um pacote de 175 bilhões de reais pro reajuste, **só falta o famoso reajuste ali né Dal Pizol e Silvia para os servidores do legislativo que estão reivindicando 20%, é uma vergonha** esse reajuste **Silvia** e Dal Pizol...

**DP** - Muito Obrigado, um bom dia de trabalho pra você aí em Brasília, Fábio Marçal.

**DSD 1 - texto A**

**comunidade = favela = comunidade**

PT – MST - movimentos sociais/reivindicatórios – corporativismo – fiscalização (polícia) – excluídos/pobres

**DSD 2 - elaborado a partir da busca por ‘comunidade favela’ em Folha on line (30 primeiros resultados em 10/08/2009 - maio a agosto de 2009)**

**comunidade = favela = comunidade (substituição/sinonímia)**

Podemos ainda estabelecer relações entre os textos acima mediante o seguinte procedimento parafrástico

<sup>3</sup> FB = Fábio Marçal, S = Silvia do Canto, DP = Dal Pizol

COMUNIDADE/FAVELA  
 É / LUGAR ONDE HÁ / ACONTECE (predicação/determinação)  
 drogas  
 armas  
 operação policial  
 polícia  
 mortes  
 tiroteio  
 feridos  
 morro  
 assalto  
 traficantes  
 confronto  
 bairro pobre  
 tráfico de drogas  
 pobres  
 favelados

Nessa ‘montagem de textos’ informatizada (ordenada pelo computador), a relação entre os nomes se dá tanto em um eixo horizontal, quanto vertical. Vale apontar que esses 30 pequenos textos [DSD 2] têm uma configuração automática e elíptica e ainda assim, parecem vir a referendar um ‘clichê’ rechaçado ou mesmo reproduzido. A busca na web que resultou no DSD 2 foi orientada por nosso enunciado de referência [agora a moda não é mais favela, é comunidade...], portanto remete ao par disjuntivo favela/comunidade. Para pensar a esse respeito, fizemos um outro recorte.

### Texto/vídeo A

#### Trecho de Notícia

26/03/2009 - 21h45

Grupo **protesta** contra **prisão** de Eliana Tranchesi em SP; assista da Folha Online

**Cerca de 15 pessoas** beneficiadas por um **projeto social** de Eliana Tranchesi, dona da Daslu, se reuniram na Vila Olímpia, bairro localizado na zona sul de São Paulo, para **protestar** contra a **prisão** da empresária. Mulheres que fazem parte de um **projeto** que auxilia crianças carentes falaram do trabalho que a empresária e dona da botique de luxo Daslu realiza na **comunidade**.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/videocasts/ult10038u541243.shtml>. Acesso em 29 de março de 2009.

[Acompanha essa notícia, o seguinte vídeo]:



[Transcrição do áudio do vídeo]:

<sup>4</sup> Imagem elaborada a partir de recorte do vídeo.

Cerca de 15 pessoas se reuniram na Vila Olímpia, bairro localizado na zona sul de São Paulo, para protestar contra a prisão de Eliana Tranchesi. Mulheres que fazem parte de um projeto que auxilia crianças carentes falaram do trabalho que a empresária e dona da botique de luxo Daslu realiza na comunidade.

Monica Maria dos Santos – monitora: Nós estamos fazendo uma manifestação pra Eliana, porque ela traz muito benefício pra comunidade, ela tirou as crianças das ruas.

Rosemary Maria dos Santos – auxiliar de limpeza: É através dela que as crianças hoje sabem mexer no computador, têm aula de reforço, têm uma quadra para eles brincar.

Tranchesi foi presa no início da manhã desta quinta-feira ela Polícia Federal em Guarulhos na Grande São Paulo, ela é acusada de sonegação fiscal, formação de quadrilha e falsificação de documentos, foi condenada a 94 anos e meio de prisão por crimes financeiros.

Segundo relatório médico, a empresária sofre com a metástase do câncer pulmonar e que demanda cuidados médicos diários. A advogada de defesa da dona da Daslu já pediu habeas corpus e reconsideração de sentença.

Fonte: <http://mais.uol.com.br/view/188558>. Acesso em 29 de março de 2009.

### DSD 3 – texto/vídeo

**comunidade = favela = comunidade**

projeto - crianças carentes – prisão – crimes - manifestação - polícia

Creemos que, a partir dessa ‘montagem de textos’, pudemos estabelecer um certo domínio de memória (Courtine, *Análisis del Discurso Político*, 1981), isto é, já-ditos que vão tecendo a historicização de comunidade. Assim, estamos compreendendo essa montagem de textos/diferentes materialidades de sentido como o conjunto de ‘o que se diz sobre’, o que define, predica comunidade. Nesse caso, comunidade está associada a uma memória que põe em jogo sentidos ligados à violência, criminalidade, exclusão, corroborando para a solidificação do discurso da mundialização, por outro lado, esse nome, esvaziado de seu sentido ideológico e político, como nomeação ‘fluida’ e ‘aplicável a muitos contextos’, permite que os pobres sejam todos indistintamente nomeados, significados por esse discurso. Comunidade é portanto uma palavra que ocupa contraditoriamente um lugar na sociedade, o lugar do indizível, da sobra e do excesso para que este, uma vez significado, passe a ser naturalizado até deixar de existir, dito de outro modo, essa palavra nega o político, é uma invenção de pertencer, nomeação de um ressentimento.